



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**[LOUISE RIBEIRO MENEGUETTI]**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-833

**Entrevistada:** Louise Ribeiro Meneguetti

**Nascimento:** 23/03/1996

**Local da entrevista:** Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre

**Entrevistadora:** Lara Félix Jacoby

**Data da entrevista:** 07/12/2017

**Transcrição:** Lara Félix Jacoby

**Copidesque:** Lara Félix Jacoby

**Pesquisa:** Lara Félix Jacoby

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 35 minutos

**Páginas Digitadas:** 26

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no esporte; Envolvimento com o surf; Prática de skate e futebol; Campeonatos de surf no Rio Grande do Sul; Mulheres surfistas; Primeiras competições; Apoio da família; Associação de Surf de Porto Alegre; Aprendizado para surfar ondas gigantes; Marcas femininas de surf.

Porto Alegre, 07 de dezembro de 2017. Entrevista com Louise Ribeiro Meneguetti a cargo da pesquisadora Lara Félix Jacoby para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.F. - Olá Louise, primeiro quero te agradecer por conceder essa entrevista. Me conta, como você começou a prática do *surf*?

L. M. - Então, já aquela rotina dos porto-alegrenses de ir no final de semana, fazer aquele bate-volta. O pai e a mãe trabalhavam a semana toda e a gente ficava aqui no verão destilando em Porto Alegre, então, era certo que no final de semana a gente ia para a praia, mas como a gente não tinha casa, tinha que fazer o bate-volta. Daí a gente ia no sábado ou no domingo, e o pai preferia ir no domingo fazer o bate-volta e geralmente a gente ia para Imbé<sup>1</sup> ou Torres<sup>2</sup>, então era quase sempre uma dessas duas praias. A gente ia direto, ficava de boeira na praia, isso desde pequena e o *surf*, eu acho que entrou na minha vida eu tinha uns quatro anos. Tem até foto minha segurando a prancha do pai, ele me empurrando em onda e ele disse que teve uma vez que ele me empurrou numa onda e eu fiquei em pé assim, de primeira e uma galera na beira da praia começou a gritar e achar legal, tem até umas fotinhos minhas! Desde aquela vez, assim, eu curti muito o esporte. Ele me deu uma prancha de isopor e eu não sabia que existia, era amarela com roxa, me lembro até hoje. Comecei a praticar até uns sete anos e aí parei, a gente parou de ir pra praia e ficou mais em Porto Alegre e foi aí que entrou o *skate* daí eu voltei com o *surf* faz aproximadamente três anos.

L.F. - Então você ficou todo esse tempo sem o *surf*?

L.M. - Sim, sem o *surf*.

L.F. - Mas o teu pai era surfista também e também parou de surfar?

L.M. - Sim, era surfista e parou a também e está voltando agora porque eu voltei.

L.F. - Você está pilhando ele agora?

---

<sup>1</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

L.M. - Sim, ele deu uma engordadinha e está com o foco de emagrecer para poder voltar bem.

L.F. - E esse seu retorno foi como, com parcerias ou você começou a te pilhar?

L.M - Então, eu namorava, comecei a namorar foi em 2013, ele tinha uma prancha, mas ele era muito *haole*<sup>3</sup>, sabe, não pegava nada de onda, ele só entrava e ficava boiando daí a gente se pilhou junto. Eu tinha já uma prancha que meu pai tinha me dado de fibra mesmo, de epóxi<sup>4</sup> e eu só entrava no mar e só pegava um jacaré<sup>5</sup> e deu. Daí a gente começou a se pilhar junto e começamos a ir todos os finais de semana para a praia, daí eu dei um *long*<sup>6</sup> para ele e ele me deu uma *vest*<sup>7</sup> e eu já comprei uma outra prancha com o dinheiro do estágio que eu nem acredito que consegui fazer milagre que eu acho que era 1800 e eu ganhava 800 pila por mês aí eu acho que eu parcelei com cheque e daí a gente ia todo o final de semana e a minha evolução partiu dessa parceria com ele, de ir todos os fins de semana para a praia, dividir gasolina, o vô dele também tinha casa em Capão<sup>8</sup>. Então foi uma evolução constante, mas porque eu tinha ele ali comigo o tempo todo, um pilhando o outro. Ele também evoluiu muito rápido, mais rápido que eu e, *bah*<sup>9</sup>, foi muito bom, muito boa a época. E eu continuei, apesar de a gente ter acabado...

L.F - Daí você continuou pilhada?

L.M. - Daí eu continuei pilhada, conheci várias pessoas do *surf* depois que eu terminei com ele, porque era um negócio muito...

L.F. - Só vocês dois?

---

<sup>3</sup> Expressão havaiana que se refere a “homem branco, estrangeiro”, é como os surfistas chamam quem não faz parte daquela cultura, quem finge ser surfista.

<sup>4</sup> Um dos tipos de material utilizado para a laminação de pranchas de surf.

<sup>5</sup> Gíria que se refere a pegar onda de peito, sem a utilização de pranchas.

<sup>6</sup> Roupas de Neoprene.

<sup>7</sup> Camisa de Neoprene.

<sup>8</sup> Capão da Canoa, município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Expressão regional.

L.M. - Sim. E daí encontrei várias parcerias para ir surfar.

L.F. - A segunda pergunta seria o que você já respondeu, se teve apoio familiar para o *surf*?

L.M. - Total, em todos os esportes, desde o *skate*, do futebol, do *surf*, sempre tive apoio, mas também nunca foi uma pressão assim: “Tu tem que surfar”, “Tu tem que...”, sabe? Foi muito natural. Meus pais nunca chegaram para mim: “Toma, um *skate*” porque o pai surfa e anda de *skate* ou “toma uma prancha para surfar”. Não, sempre foi muito natural. Eu fui até a prancha, encostei na prancha e o pai olhou e: “Vamos para o mar?” Então nunca foi algo que meus pais me pressionaram. Sempre pelo contrário, sempre me apoiaram.

L.F. - No que tu decidia?

L.M. - No que eu decidia, sim. Até no futebol, tinha muito preconceito de menina jogar futebol e já dizia que gostava de menina, essas coisas. Daí minha mãe sempre me apoiava, meu pai também.

L.F. - Eu ia te perguntar mais para a frente, mas pode seguir falando... Tu sentiu alguma dificuldade por ser mulher e praticar *surf*? Tu está falando do futebol, pode falar sobre o futebol também...

L.M. - No *surf*, assim: não tive nada de preconceito, pelo contrário. Até porque foi agora, muito recentemente que eu comecei a surfar, então as pessoas estão com uma cabeça bem mais aberta com relação a isso, sabe? Então com o *surf* eu não sofri muito isso, sabe? Eu acho que só umas pessoas mais velhas, amigos do meu pai que falavam: “Menina surfando?” ou algo assim, mas nada demais.

L.F. - Mas na tua família não. Isso que importa.

L.M. - Não, não. Agora com o futebol foi um negócio bem sinistro assim. Eu estudei no Israelita<sup>10</sup> na oitava série e aí quando eu cheguei lá, a primeira coisa que eu fui fazer, era a

---

<sup>10</sup> Colégio Israelita Brasileiro.

primeira aula do dia, assim, era Educação Física, daí eu não queria jogar vôlei com as meninas, daí eu fui jogar futebol com os guris. Daí, *bah*, cheguei lá e já dei uma janelinha no melhor jogador do Israelita, que era da mesma turma, daí as meninas já começaram a fazer o *bullying*: “Machorra, o que que tu quer aqui?” Aí tem o bagulho da religião, porque eu era católica e eles eram judeus e no Israelita foi bem sinistro para mim assim... Daí depois eu mudei de colégio e não foi tanto assim, sabe, porque o colégio que eu fui, que foi o Farroupilha<sup>11</sup>, eu fui para jogar futebol, então lá a galera era muito do esporte, de ganhar os campeonatos, de se dedicar para os campeonatos, sabe?

L.F. - Já tinha um time montado, então?

L.M. - Sim. Então no Israelita foi mais *punk*.

L.F. - E no *surf* e *skate*, não?

L.M. - Não, nada, nada.

L.F. - Participou de algum campeonato de *surf*?

L.M. - De *surf* eu participei da Liga Rio-Grandense, ano passado. Fiz duas etapas e nas duas eu fiquei em quarto lugar. Só que daí eu não continuei nos campeonatos porque eu não curto muito a *vibe* de competição. Eu acho muito irado acho que todo mundo tem que competir, isso ajuda muito na evolução. De competição o que eu gosto é isso, que ajuda na evolução. O pessoal se puxa muito para poder chegar no título, ganhar a prancha, ganhar a premiação pelo menos, e isso ajuda a evoluir, mas o que eu não gosto muito é que ninguém é melhor que ninguém, sabe? De tu se destacar e ganhar algo mais que o outro sendo que todo mundo está ali para surfar, sabe, algo em comum. Só que por premiar um mais que o outro, eu não acho legal.

L.F. - Porque pode talvez desestimular?

---

<sup>11</sup> Colégio Farroupilha.

L.M. - Sim, desestimular.

L.F. - Mas e essa Liga, como que funciona?

L.M. - A Liga Rio-Grandense de *Surf* eu não sei muito direito como que é, mas assim, eles fazem circuitos e várias etapas em várias praias, tipo o que a ASPOA<sup>12</sup> fez só que é do Rio Grande do Sul, digamos assim. Só que pelo que eu entendo, assim, esse ano eles estavam meio desorganizados, eu não sei internamente o que aconteceu mas eles fizeram a primeira etapa agora, no mesmo final de semana que a ASPOA e agora final de semana que vem já tem outra etapa eu acho que para tentar cumprir o calendário que ele prometeram e não cumpriram durante o ano.

L.F. - Pois é, eu nunca ouvi falar, por isso te pergunto.

L.M. - Quem organiza é Jefferson “Pica-Pau<sup>13</sup>”, se tu quiser pegar algumas informações com ele, ele é bem aberto, posso te passar o contato.

L.F. - Legal, depois eu vou pegar então. Depois a gente volta a falar mais da ASPOA, mas me fala mais de ti: Como foi a tua preparação ou como está sendo a tua preparação agora que tu estás se dedicando mais ao esporte.

L.M. - Assim, eu sempre me preparei, com funcional, sempre tive um apoio de funcional. Na época da faculdade era mais *punk* porque eu trabalhava como efetiva durante o dia todo e depois tinha faculdade, então tinha que fazer o funcional das sete às oito da manhã, então estava sendo bem puxado para mim, mas eu estava indo duas vezes por semana. Aí, tipo, terminou a faculdade e aliviou mais e depois eu acabei pedindo demissão do trampo e fiquei com tempo livre. Então eu sempre tive uma preparação duas vezes na semana, ou três vezes na semana no funcional ou jogando bola ou correndo, sempre muito natural também, não muito pegado, sabe?

L.F. - E a ida à praia?

---

<sup>12</sup> Associação de Surf de Porto Alegre.

<sup>13</sup> Nome sujeito a confirmação.

L.M. - Bom, a ida à praia depois que eu terminei com o Nicolas<sup>14</sup> foi de vez em quando, assim, porque como ele tinha carro a gente ia direto. Então geralmente ou eu vou de *bus* e fico em algum lugar, ou pego carona com alguém e dou o *surf*, mas está sendo só de vez em quando mesmo.

L.F. - E fora isso tua preparação está sendo aqui mesmo, no funcional como tu já falou?

L.M. - Isso.

L.F. - E agora a pergunta que não quer calar: Como surgiu o interesse de surfar uma onda gigante?

L.M. - Assim, eu sempre gostei do diferente, sabe, e quando parece que está ficando muito comum, e não comum porque está todo mundo praticando, mas para mim, tipo, quando já passou aquela *vibe* da adrenalina e já não está o olho brilhando eu já quero outra coisa, sabe? Então o *skate* a mesma coisa, quando eu comecei a andar acho que ninguém andava e eu comecei a pilhar muita menina a andar, e aí juntou um grupo de meninas muito grande, que hoje já se desfez, e daí andei, andei, andei desde que o *Complex*<sup>15</sup> abriu, acho que em 2011, eu matava aula pra andar de *skate* porque o Farroupilha era do lado do *Complex*. Então mesma coisa. Depois comecei a me interessar pelo *surf* e a mesma *vibe*, comprei a prancha, surfei, surfei, surfei e aí comecei a olhar aqueles vídeos no Canal *Off* de onda grande e aí a Maya Gabeira sempre na minha cabeça, eu sempre tive o nome dela na minha cabeça, desde criança. E eu sempre me interessei por onda grande, mas nunca soube que poderia praticar aqui no Brasil. Aí acho que faz uns oito meses que rolou, em abril, um *swell*<sup>16</sup> ali na Laje de Jaguaruna<sup>17</sup> e saiu umas fotos muito *afudê* e eu estou no grupo da *Iahweh*, que é a marca de prancha que me apóia e eles postaram um monte de fotos desse *swell* que rolou em abril e eu comentei: “*Bah*, que irado, que sonho pegar essas ondas”. Mas tipo, sei lá, só comentei sabe? Daí o Luís Reis que está no grupo conhece o Thiago Jacaré, que é local lá de Jaguaruna

---

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>15</sup> Bar localizado em Porto Alegre com pista de *skate*.

<sup>16</sup> Ondulação que se forma em alto mar e se desloca até a costa, formando as ondas.

<sup>17</sup> Local conhecido da costa brasileira por possibilitar a formação de ondas gigantes, localizado em Santa Catarina.

e pratica onda grande. Daí ele falou comigo no privado, o Luís, e falou assim: “E aí, Louise, tu tem mesmo interesse em pegar onda grande?” Daí eu pensei duas vezes e disse: “Sim, tenho!” E ele: “Mesmo?” E eu: “Sim!”. Tipo, nem sabia no que eu estava me metendo. Daí ele perguntou: “Posso passar teu contato para o Thiago?” E eu: “Pode!”. Não deu dois segundos o Thiago entrou em contato comigo e falou: “Louise, e aí, me falaram que tu tem interesse em pegar onda grande, é isso mesmo?” E eu: “Sim!”, daí ele: “Então vamos lá, vamos fazer uns treinos!”. Daí ele começou a me passar um monte de informações sobre vento, ondulação, que entra em Laguna, no Farol, em Jaguaruna e a gente foi conversando sobre onda grande, sobre a onda da Laje, sobre o Cardoso<sup>18</sup>. E aí fomos conversando sempre sobre marcar um treino de *tow-in*<sup>19</sup> porque para treinar *tow-in* não precisa estar grande nem pequeno, pode estar uma onda mediana, tranquilo. Porque o treino de *tow-in* é tu levantar e entrar na onda certinho, te enquadrar com o *jet* e entrar na onda. E a gente sempre tentando marcar e nunca dava, e eu estava trabalhando, eu pedi demissão depois que eu peguei a Laje. Então sempre bem difícil de intercalar um treino com ele. Daí entrou um *swell* no Cardoso acho que início de outubro e ele mandou: “E aí Lou, vai entrar um *swell* no Cardoso, quer vir?” Eu disse: “Vou certo!”. Como não estava rolando de fazer treino com ele eu pensei: “Vou fazer *wake surf*<sup>20</sup> porque é a mesma jogada, pelo menos levantar eu aprendo, depois me enquadrar no *jet* vai ser lá.” Daí fiz três aulas de *wake surf* na *wake* sul, acho que fica no delta do Jacuí, não me lembro em qual ilha que é, acho que é a da Pintada. Aí fiz essas aulas de *wake surf*, aprendi a subir tranquilo, fazer a cadeirinha<sup>21</sup> e subir, né?

L.F. - E não é muito difícil?

L.M. - Não. Daí ele me fez esse convite pra ir para o Cardoso quando entrou o *swell* e tipo, era um *swell* muito gigante de doze pés na série, tipo oito pés a menor onda. Daí eu fui, mas não cheguei na sexta que era o auge, que estavam todos os surfistas de onda grande, cheguei no sábado, ainda tinham alguns surfistas lá, surfando e aí a gente chegou direto e logo que eu cheguei a gente foi para a pousada do João Baiuca que é ali no Farol, já conheci o Fábio

---

<sup>18</sup> Praia que recebe grandes ondulações no Farol de Santa Marta, Santa Catarina.

<sup>19</sup> Surfe em ondas grandes em que o surfista é rebocado pelo *jet-sky*.

<sup>20</sup> Surfe praticado em águas paradas em que o surfista é rebocado por uma lancha e surfa nas ondas criadas por ela.

<sup>21</sup> Técnica utilizada para o aprendizado.

Gouveia, o Tissot<sup>22</sup>, é aqui de Porto Alegre o Tissot, se tu quiser fazer uma entrevista com ele, ele surfou Nazaré<sup>23</sup>. Aí estava o Thiago, o João...

L.F. - Mas o Fábio Gouveia não era de onda grande, né?

L.M. - O Fábio Gouveia, segundo ele, quando a gente chegou ele comentou que era novato em onda grande.

L.F. - Pois é, eu conheço ele, já vi até o filme, ele tinha uma linha de surf muito boa.

L.M. - Pelo que eu entendi ele está começando a surfar onda grande agora. Daí acho que era João, Thiago, Tissot, Fábio Gouveia, Carlos Casagrande que também é aqui de Porto Alegre e pega onda grande, e mais alguém lá que eu não me lembro o nome. Aí a gente chegou, conheceu todo mundo ali, a *vibe* da galera, eles estavam gravando para o *Off* algumas cenas. Daí a gente foi abastecer o *jet*, eu o Thiago, o João, o Gouveia e o meu pai no carro e nisso eles já foram me dando dicas de como que era. Daí eu fui sentindo e depois de abastecer o *jet* nós já voltamos para a base deles para colocar *long*, se preparar e tal. Aí a gente desceu para a praia em seguida, botou os *jets* na beira ali e o Thiago, foi literalmente isso, deitou no chão e me disse como que era para subir, e eu botei o colete, que ficou tri solto em mim e aí ele me olhou e disse: “Olha, morrer tu não vai.” E eu: “Beleza...” (risos)

L.F. - “Que ótimo!”

L.M. - “Que ótimo!”. Aí eu falei: “Confio em ti.” Tipo, nem conhecia o cara, conheci ele no dia mas eu tinha que confiar muito no que ele estava fazendo e no trabalho dele senão eu ia estar muito insegura e não dava. Aí eu entrei com ele e ele fez umas voltas na beira com o *jet*, tipo uma moto, parecia uma moto, sabe? Tipo quase fazendo eu cair e disse: “Olha, tu te segurou bem, só que se tu cair, te solta, nem espera. Não me segura porque eu não posso cair do *jet*, daí tu cai sozinha.” E eu: “Beleza.” Daí quando eu olhei assim o Fábio Gouveia sendo rebocado e eu: “Bah, que afudê, tá ligada.” Aí nessas que o Fábio me falou, a gente estava conversando e eu disse: “Bah, que felicidade, só com gente do caralho, tá ligada!” e

---

<sup>22</sup> Fabrício Tissot.

<sup>23</sup> Uma das maiores ondas do mundo, localizada em Portugal.

ele disse: “Eu é que estou feliz, estou aprendendo também!” Daí eu olhei pra ele e pensei: “Bah, o Fábio Gouveia aprendendo comigo? Que afudê!”. Daí a gente entrou mar adentro e umas ondas gigantes e eu imaginei: “O que que eu estou fazendo aqui?”. Daí a gente botou o Fábio numas ondas só que ele cansou um pouco rápido porque o terral<sup>24</sup> estava muito forte então, como tu tem que pegar em direção à beira da praia, com o vento terral tu é um pipa para o *jet*, então eu ficava assim ó [fez expressão de dificuldade com o rosto] e com o cabelo molhado voando quase secando. Aí a gente largou o Gouveia na praia, ele pegou acho que umas quatro ou cinco ondas.

L.F. - E nisso tu estava só rebocando no *jet*?

L.M. - Só ali nas costas e, cara, eu cansei demais, só de ficar segurando tem que fazer uma pressão imensa. Bom, daí a gente largou ele, eu peguei minha prancha e a gente entrou mar adentro. Daí ele ficou lá no *outside*<sup>25</sup> comigo a gente ficou conversando e tal até que ele disse: “Agora eu vou te rebocar!” Daí na primeira rebocada eu já dei de cara na água [risos] e pensei assim: “Bah, que vergonha meu, só os cara casca grossa e eu não estou conseguindo nem levantar.” Mas tinha muito vento e eu já estava muito cansada. Aí ele já me olhou com uma cara e eu: “PQP, o cara não gostou...” e eu nem conhecia ele né? Aí ele tentou de novo e eu caí de novo. Daí eu levei um xingão: “Tá, tu vai levantar ou não vai?” E eu falei: “Vou!”. Aí ele me rebocou e eu levantei e ele foi me ensinando que tem que entrar na diagonal do *jet*, nunca pode ficar atrás na turbulência, como se tu fosse surfando na espuma do *jet* sabe? Daí ele me botou na primeira onda, eu até tenho foto da primeira onda só que eu não postei porque eles não deixaram porque era muito pequena. [risos]

L.F. - Uma onda muito “queima-filme”?

L.M. - É que eles têm um teto que ele falou: “Olha, está legal a onda mas tu é capaz de pegar uma onda muito melhor pelo que tu apresentou hoje e não vale a pena tu postar essa foto a até por nós seria melhor se fosse uma onda irada!” Daí eu fiquei me segurando para não postar a foto, fazer o quê? Aí ele me botou na primeira onda, mas já queria que eu pegasse outra e eu estava muito cansada e ele: “Vamos de novo!”. Aí ele me puxou e eu caí de novo

---

<sup>24</sup> Vento que sopra da terra para o mar.

<sup>25</sup> Atrás da arrebentação, ou do lado de “fora”, onde os surfistas se posicionam para pegar as ondas.

e ele já estava com uma cara meio assim, meio desacreditado em mim e eu pensei: “Vou ter que pegar outra onda mesmo”. Foi quando ele me levantou e ficou dando várias voltas, o que eu não gostei porque já estava muito cansada e me botou numa onda boa, gorda assim sabe, tipo, se formou a parede daí ela já foi diminuindo porque tinha muito vento, deu uma chapada, sabe. Daí a gente saiu assim e eu não fiquei satisfeita com o negócio, sabe, eu me cobro demais, mas eu aproveitei bastante. Daí a gente saiu, uma galera na beira da praia veio me cumprimentar e dizer parabéns: “Bah, que irado, o que um homem não faz tu fez, só te tu vir até aqui, entrar nesse mar já é demais para uma menina”, Daí eu fiquei feliz, mas com aquilo na cabeça, de que eu não fui tão bem, sabe? Daí acabou essa *vibe* aí, eu fui embora. Esse foi meu primeiro treino de *tow-in*, nesse *swell*. Continuei treinando muito forte porque eu vi, nesse dia, o que eu estava mais fraca, braço, costas, perna nada, perna eu aguento por causa do futebol, daí comecei a treinar muito braço, braço, braço, costas, costas, costas, trenós, remada alta, tudo, daí ia entrar *swell* na Laje e ele falou, acho que uns cinco dias antes: “Olha Lou, vai entrar o *swell* na Laje, te prepara!” Quando ele falou isso eu falei: “Preciso de um colete”, daí ele conseguiu um colete da *Mob*, ou *Nob*, não sei direito, que é muito bom que é pra *tow-in* mesmo, mas daí eu comprei um de *big surf* e não *tow-in*, porque eu quero fazer *big surf* que é na remada. Daí eu já comprei esse de *big surf* até porque eu ia botar a *lycra*<sup>26</sup> por cima e o de *tow-in* a única diferença, quer dizer, é uma diferença grande, o de *tow-in* é gordão na frente e atrás e ainda tem uma alça para te puxarem, porque como tu fica sem prancha, sem *leash*<sup>27</sup>, tu só emerge sem a prancha. E o de *big surf* é menor aqui [na frente] porque tu fica mais em contato com a prancha e atrás ele é gigante, então em já comprei o de *big surf*. Daí compramos o colete e dois dias antes ele disse: “Tu vem mesmo?”, daí eu estava trabalhando mas eu pensei: “Eu não quero mais ficar aqui...” E falei a verdade para minha diretora: “É meu sonho pegar essa onda e tu tem que entender isso, se tu se colocasse no meu lugar e tivesse um sonho e esse sonho estivesse prestes a se realizar, tu iria fazer, né?” Aí ela me olhou: “Vai Louise!”. Aí eu fui. Era terça que ia entrar a onda, segunda de noite saiu eu, meu pai e minha tia.

L.F. - E o teu pai estava pilhado junto contigo?

---

<sup>26</sup> Camisa de *lycra* que ajuda a proteger o corpo durante a prática.

<sup>27</sup> Corda que prende a prancha ao pé do surfista.

L.M. - Sim, meu pai e minha mãe. Saiu eu, meu pai, minha mãe e minha tia que tinha chegado da Espanha fazia três dias e ela não conhecia o Farol daí pensamos: “Vamos todos juntos, e aí se acontecer alguma coisa vocês estão lá comigo!”. A gente saiu segunda meia-noite e chegamos lá três da manhã e fomos pra pousada Swell Bangalô que é de um gaúcho, dormimos e eu acordei umas 5 horas da manhã e comecei a fazer uns exercícios no *foam roller*<sup>28</sup> para soltar bem, *yoga* e exercícios de respiração, daí a gente pegou as coisas, nem tomei café da manhã, e fomos para Jaguaruna, em sentido sul do Farol. Chegamos em Jaguaruna e no carro eu fazendo uma respiração muito sinistra, eu acho que foi isso que deu certo para eu aguentar a pancada que eu levei. Chegando lá, eu fui a primeira a chegar, o Thiago estava se organizando, daí já chegou o Baiúca, o Gustavo chegou com o Sebastian Rojas e o Michael<sup>29</sup>, com o *jet-sky* para dar um apoio. Daí a galera já tomou café da manhã e 6:30 a gente já estava organizando os *jets* na beira para entrar na água. Ele fez mais um treino comigo ali na beira e fomos mar adentro, a Laje é 5 km pra dentro. Na beira ele me falou: “Vou te botar em várias esquerdas<sup>30</sup>!” e eu achei perfeito porque ele disse que as esquerdas eram mais gordinhas e era mais tranquilo e que a direita<sup>31</sup> eu não ia pegar tão recente, ia ser só depois. Chegamos lá, só direita! Ela vinha gorda<sup>32</sup>, gorda, *drop*<sup>33</sup> tranquilo, chegava quase na base da onda virava um tubo<sup>34</sup> sinistro, parecia uma boca te engolindo. Daí eu olhei aquilo lá e de novo: “O que eu estou fazendo aqui?”. Daí eu olhei para um lado, o Sebastian, olhei para o outro, o Paulista, o André Paulista, só casca grossa Thiago Jacaré... e eu: “Bah, não posso arregar<sup>35</sup>...” E foi um negócio de orgulho e “Estou preparada, não tem porque eu arregar, se eu estou aqui era para eu estar, não tinha que ser diferente.” Daí eu olhei e disse que ia primeiro. Primeiro *dropou* o André e a segunda já foi eu numa, mas pensa numa bomba que eu não consigo nem descrever assim, gigante. Aí o Thiago me botou e essa foi a bomba do caldo<sup>36</sup> sinistro. O Thiago me botou e quando soltei o cabo e... [fez som de como foi descer a onda] e já botei os bracinhos para cima, tem até a foto dos bracinhos para

<sup>28</sup> Rolo de E.V.A. para fazer liberação miofascial.

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>30</sup> Onda que quebra aos poucos e abre de maneira que o surfista vá para o lado esquerdo.

<sup>31</sup> Onda que quebra aos poucos e abre de maneira que o surfista vá para o lado direito.

<sup>32</sup> Uma onda é gorda quando ela quebra de maneira lenta, possibilitando a abertura de uma face grande para a realização de manobras.

<sup>33</sup> Deslizar para baixo sobre a face da onda.

<sup>34</sup> Quando a onda quebra de maneira rápida e possibilita a criação de um espaço entre a sua crista e a sua face, um “tubo” por onde o surfista passa.

<sup>35</sup> Gíria que expressa desistir, ter medo.

<sup>36</sup> Gíria utilizada quando o surfista comete algum erro e cai enquanto surfa.

cima, yeeeeee [som de comemoração] e o Sebastian clicando e quando deu o quinto “Yê”, caí. Foi muito engraçado, muito, e a minha sorte, quando tu tem mais experiência no *tow-in*, tu consegue ver o momento, sentir o momento, tipo, “Vou cair, vou tirar os pés da prancha” [os pés ficam presos à prancha] e, cara, eu nem pensei, eu só vi e caí. Eu não pensei: “Bah, acho que eu vou vacar<sup>37</sup> já que a onda está se formando desse jeito...” Tipo, eu não consegui pensar nisso, era muita adrenalina, sabe? Daí eu vaquei e a minha sorte: Deus tirou a prancha dos meus pés porque eu podia ter torcido o joelho, os dois ainda por cima. Vaquei, encostei na Laje, eu senti que encostei na Laje e passou a primeira onda e já veio a segunda, eu nem consegui ir para a superfície e já veio a segunda onda e aí eu te juro que eu acho que vi uma luz, eu não falei pra ninguém isso mas eu vou te falar, eu acho que eu vi uma luz, te juro, porque eu fiquei vinte segundos debaixo do mar e eu nunca tinha ficado tanto tempo sem respirar.

L.F. - E tu já tinhas me dito que nunca fez treino de apneia.

L.M. - O treino de apneia que eu fiz foi no banheiro da minha casa tomando banho, trancando a respiração e me mexendo pra caralho [risos], tipo, nada comparado ao *surf*, mas tranquei quase cinquenta segundos a respiração. Só que cinquenta segundos para o mar eu acho que é cinco segundos. Eu te juro que vi, e não era a luz do sol, era assim, branca, sabe? Daí eu olhei aquilo e me tranquilizei, eu fiquei muito tranquila, eu nunca fiquei tão tranquila num caldo. Eu te juro por Deus, caldo na Ferrugem, caldo na Silveira, caldo em Imbé, em Tramandaí [praias do litoral catarinense e gaúcho] foi muito pior do que o caldo na Laje, eu te juro por Deus, foi um caldo que eu fiquei muito tranquila que eu senti: “Bah, vou fazer a bolinha<sup>38</sup> vou ficar tranquila” segurei muito a respiração e quando veio aquele [Fez som de falta de ar] eu resolvi dar as braçadas para subir e quando eu subi eu nem fiz aquele [fez som de puxar o ar com desespero] eu só... respirei, sabe? Aí já tesava o Thiago ali, me botou em cima do... *slap*<sup>39</sup>? Não me lembro o nome. Daí eu dei uma respirada e pensei que ia descansar, depois do caldo né, daí ele foi pegar umas ondas e eu fiquei pilotando outro *jet* e fui pra longe porque eu comecei a passar muito mal, vomitei muito no *jet-sky*. Segundo o Thiago, pelo relato dele, foi em torno de vinte segundos mesmo porque ele começou a contar

---

<sup>37</sup> “Vaca” também é uma gíria que se refere à queda do surfista durante a prática.

<sup>38</sup> Técnica utilizada para aumentar a capacidade de apneia.

<sup>39</sup> Esteira que fica atrás do *jet-sky* para que o surfista se segure.

já tinha dado uns cinco segundos pra mais, então foi em torno de vinte mesmo. Ele disse que olhava e não me achava e todo mundo no *outside* desesperado, todo mundo parou de pegar onda assim, sabe, olhando onde é que eu estava, onde é que eu estava, até que eu subi e todo mundo ficou tranquilo. Aí quando eu olhei o Sebastian estava com um sorrisão na cara: “Peguei essa onda!” E eu: “Bah, que irado!”. Daí depois que todo mundo pegou onda ele me olhou assim: “Vamos para mais uma?” E eu: “Vamos!”. Aí eu peguei mais uma, não caí, mas era uma onda menor. Daí eu dropei, fiz a onda e já saí. Depois ele me botou numa que era grande também, levei o caldo, só que esse caldo foi diferente, eu não fui tanto pro fundo, eu fiquei mais na superfície, girando na espuma, mas igual eu não vi o céu.

L.F. - Não viu a luz?

L.M. - Não, dessa vez não. O Thiago viu que eu estava de boa nesse caldo e ele falou assim: “Comigo o negócio tem que ser casca grossa, toma essa aí de novo na cabeça” e veio outra bomba, tomei na cabeça e depois me tranquilizei e ele já me pegou.

L.F. - Guria, que legal, que louco! Mas você me falou que foi a quinta mulher a surfar essa onda? Tu tens informações sobre essas outras quatro?

L.M. - Se tu olhar o *Instagram* do Thiago ele meio que contou uma historinha da Laje, como que foi, se tu quiser pegar umas informações, tem bastante coisa. E numa dessas postagens que ele fez ele disse que eu fui a quinta mulher a surfar. A primeira foi a Maya Gabeira, a segunda foi uma mulher que eu não sei o nome, a terceira foi a Luana Rangel, que é uma menina aqui do Sul, de Porto Alegre, que se ela estiver aí também valeria fazer uma entrevista com ela.

L.F. - Mas não é atleta?

L.M. - Pois é, eu não sei o que ela fez da vida. A Luana Rangel pegou onda uma vez na Laje e nunca mais voltou. Uma outra mulher que eu não sei o nome e eu, mas isso está no *Instagram* dele.

L.F. - Então eles não têm nenhuma resistência à participação das meninas, eles botam pilha?

L.M. - Não, até pelo contrário. Eles queriam muito uma menina que fosse de verdade, tipo, que pegasse a primeira onda e, mesmo levando caldo, mesmo vendo luz e o caramba, voltasse para lá, continuasse com essa mesma garra de querer pegar onda grande. Porque realmente tem a essência do negócio e eles queriam muito uma menina assim. Há muito tempo eles vinham tentando treinar umas meninas e muitas só faziam fotinho e não voltavam mais e isso ficou ruim pra eles, ou muitas tomavam o tempo deles treinando e elas: “Bah, não é o meu negócio...”. Aí eles meio que se decepcionaram com as meninas, mas nunca tiraram da cabeça que tinha que ter uma mulher na *crew*, sabe? Uma das meninas que foram treinadas por eles foi a Yasmin Dias, de Torres. Tem uma pequeninha que está sendo treinada, a Natália Cipriani, que é lá de Laguna<sup>40</sup>, tem uma outra menina que eu não sei o nome. Mas isso de as meninas tirarem a foto e não voltarem mais queimou muito o filme, sabe? Porque tomava um tempo deles e a mina saía no *Waves*<sup>41</sup>, saía nos negócios porque pegou a onda grande e não voltava mais, sabe?

L.F. - Que bom que eles têm essa abertura! Que história, cheguei até a ficar sem ar!

L.M. - Tipo assim, eu acho que todo mundo é capaz, sabe? De tudo. A gente não nasce andando de *skate*, a gente não nasce surfando, a gente nasce e não sabe fazer nada da vida, tudo a gente aprende, tudo a gente é capaz de fazer, sabe? Então quando uma amiga minha me diz: “Como é que tu consegue andar de skate, surfar?” Daí eu digo: “Cara, eu era que nem tu, eu não fazia nada, eu não nasci surfando na placenta da minha mãe! Foi uma questão de persistência, de insistir no que tu quer! Tudo o que tu quer, tu vai conseguir fazer, só que tu tem que botar uma energia para isso acontecer.” Eu sempre digo isso pras gurias que estão querendo andar de *skate*, sabe? Não desiste na tua primeira queda, levanta e vai de novo. Mesma coisa no trabalho, fui recusada numa entrevista de emprego eu vou tentar de novo, porque ou tu tem uma necessidade de dinheiro ou porque é o teu sonho e tu quer aquilo, sabe?

L.F. - Já vou entrar no assunto do *skate*, já que você falou. Como é a sua relação com o *skate* e como foi que você trouxe outras gurias também para praticar?

---

<sup>40</sup> Município do Estado de Santa Catarina.

<sup>41</sup> Site de previsão de ondas e notícias do universo do esporte.

L.M. - No *Complex* eu comecei a andar quando abriu e era só eu e depois duas outras meninas, a Mônica Cardoso e a Alice Marmi, desde aquela época. Então a gente começou a andar, andar, andar e a gente viu que muita menina estava se interessando, daí começou a juntar um número maior de meninas e eu pensei: “Vou criar um nome e vou fazer um grupo no *Facebook*” até porque não existia *Instagram* nem *WhatsApp* naquela época. Daí eu criei o grupo no *face*, acho que era “*Girls Skate Power*” o nome e adicionei todas as meninas do *skate* ou que nem tinham *skate* mas queriam aprender a andar.

L.F. - E nisso tu tinha quantos anos?

L.M. - Uns 14, 15. Aí adicionei as meninas e a gente foi combinando um monte de rolê no *Complex*, no *Banks*, no *Swell* [outros espaços com pista de *skate*], um monte de lugar e a gente sentia carência de campeonato para mulher ou de mulheres nos campeonatos e a gente começou a reclamar e incomodar os organizadores e começaram a fazer, sabe, e aí foi muito legal uma época que a gente participava de todos os campeonatos, eu já não participava tanto, mas as meninas iam direto,

L.F. - Que ano isso?

L.M. - Lá por 2015, 2016, não faz muito. Andando todos os dias quase. Depois de um tempo as meninas pararam de andar, eu também fui mais para essa *vibe* do *surf* e parei de andar um pouco, mas foi uma junção muito legal, sabe?

L.F. - E hoje elas estão mais dispersas?

L.M. - Sim, só quem anda hoje sou eu, eu nem ando tanto, mas a Mônica Cardoso é a que mais está representando hoje aqui no Sul o *skate* e a Mari Meneses.

L.F. - E está rolando algum campeonato com categoria feminina ou não, por falta de quórum?

L.M. - Não, eles até fizeram em Guaíba um campeonato com categoria feminina, a Mônica participou, vieram umas meninas de Floripa<sup>42</sup>, de Sapiranga<sup>43</sup>.

L.F. - Como é a avaliação no campeonato de *skate*? Porque no *surf* tem toda uma sequência que é avaliada, né?

L.M. - Sim, no *surf* a avaliação do feminino é bem diferente que a do masculino. Por exemplo, se no masculino a nota de uma onda foi sete a do feminino vai ser quatro.

L.F. - Mas isso depende do campeonato, né? Depende do nível.

L.M. - É, depende do nível, mas o nosso ali da ASPOA foi basicamente isso, eles comparavam com o masculino, se aquela onda foi parecida com essa e foi sete, essa aqui vai ser quatro, oito vai ser cinco...

L.F. - É que o nível do feminino tem que subir também, né?

L.M. - Isso, então a proporção é menor. Porque as meninas, elas não mandam muitas manobras no *surf*, agora no *skate* é diferente, dão muita manobra e avaliação é praticamente quase a mesma coisa que o masculino.

L.F. - É o que, “batida”, “soltar a rabeta”?

L.M. - Não, é manobra mesmo, “*rock and roll*”, “*lay back*”, “*fifty*”, “aéreo de *back side*”, “aéreo de *front side*”, “*mellow*, segurando na tábua”, sei lá, inúmeras manobras, “*boneless*”, “*rasgada*”, “batida de *front* e de *back*”, “*carve grind*”, então tem várias, sabe? E a avaliação é quase a mesma que o masculino, eles quase que igualam as mulheres.

L.F. - Pois é, é que depende mesmo do nível, né? Eu já fiz o curso de arbitragem da ISA<sup>44</sup> e a gente discutiu muito isso, mesmo...

---

<sup>42</sup> Florianópolis.

<sup>43</sup> Município do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>44</sup> International Surfing Association.

L.M. - Sim, mas por exemplo, a manobra no *skate* não tem como ser muito diferente do masculino pro feminino porque ela é a mesma, o que vai diferenciar é o estilo. Se está bem no pé, ou bem na base a manobra, bem redonda a manobra, basicamente é isso.

L.F. - Vamos falar, então, da ASPOA! Como foi a tua inserção na ASPOA e como você vê a inserção da categoria feminina?

L.M. - Então, eu já sabia da existência da ASPOA, mas nunca procurei saber muito porque não era um negócio bem divulgado pelo que eu entendia. Então, deixa eu me lembrar quem me convidou... A Bruna Prates, como eu não conhecia o Fontes<sup>45</sup> nem ninguém, me mandou uma mensagem dizendo: “Oi Lou, tu não quer participar da ASPOA, a gente está montando a chapa!” Daí eu falei: “Me fala mais, o que eu teria que fazer?” E ela falou: “A gente tem que ter uma pessoa que represente o *surf*, que represente o *skate*, que tenha a essência da ASPOA, que possa representar as meninas no *surf*!” Aí eu: “Vamos lá!”. Era ajudar na divulgação e tudo, a montar a categoria feminina que foi a primeira chapa que inseriu o *surf* feminino nos campeonatos então, isso foi muito legal pra mim porque eu estou fazendo algo que foi a primeira vez, então vai ser lembrado por muita gente, sabe? Tipo: “Quem estava naquela chapa?” “A Louise Meneghetti, a Bruna Prates, o Gabriel Saudades, toda essa galera”. Essa galera inseriu o *surf* feminino na ASPOA, sabe? Isso pra mim foi o mais gratificante, nem é como a ASPOA está estruturada hoje diferente das outras, mas isso de ter inserido o *surf* feminino nos campeonatos, sabe? Então, sei lá, isso pra mim foi muito legal. Hoje, olhando pra antiga chapa e a nossa hoje, como que está o nome da ASPOA para as pessoas me deixa muito feliz, porque hoje todo mundo conhece a ASPOA. Hoje não tem uma “Louise” que não conhecia a ASPOA e não se interessou tanto pela ASPOA, até quem não surfa vai se interessa de ir nos eventos, de curtir aquela *vibe*.

L.F. - Sim, hoje a ASPOA está até chegando na área acadêmica! Interessante isso. Aproveita e me fala mais sobre a ideia deles, tu me falou que o Fontes te chamou para pilhar as meninas, correto? E isso está muito partindo de ti, né?

---

<sup>45</sup> Lucas Fontes.

L.M. - Sim, sim, a ideia era assim: “Bah Lou, vai ter a categoria feminina, mas a gente precisa de alguém que consiga traçar quem são as meninas em Porto Alegre que surfam e que pilhariam participar de campeonato.” Porque hoje em dia a gente tem muita menina surfando, mas que não curte muito participar de campeonato porque tem vergonha! Mas o que eu sempre falo para elas que o campeonato não é para dizer – ok, eu sei que o campeonato diz quem é o melhor – mas, no feminino, eu sempre tento passar que a gente está num nível de evolução diferente dos homens, as mulheres geralmente não competem tanto entre si, sabe? Eu entendo que a gente é mais amiga, mais pela *vibe*, mais pela evolução, mais por se puxar uma à outra porque a gente é mais ligada uma na outra, até por essa questão das mulheres e do feminismo e dos homens criticarem quando estão surfando ou andando de *skate*. Então tem muito uma força muito, como eu posso explicar... diferente dos homens...

L.F. - De integração?

L.M. - Isso! De integração!

L.F. - Então tu tenta passar isso para as meninas, para que elas não fiquem intimidadas?

L.M. - Isso, não fiquem intimidadas, que a categoria feminina é diferente da dos homens, os homens tão mais por competir entre si. Tem aquela *vibe* mais: Não posso conversar contigo enquanto estou no campeonato”. Não, sabe? Vamos ficar ali de boas, até tu te solta mais quando tu está ali de boas do que quando está vidrado ali fazendo uma oração, sabe? Então eu sempre tento passar para as meninas isso, pra não fiquem com vergonha porque tá todo mundo evoluindo, tá todo mundo numa constante evolução, aprendendo, ou tá com a primeira prancha que comprou, a quilha aquela de plástico que se tu trocar vai fazer diferença mas tu não tem isso na cabeça, sabe? Então eu sempre tento passar isso pra elas. E agora a última etapa não foi diferente, a gente estava com três meninas, daí eu olhei aquilo...

L.F. - Pois é, guria, de um dia para o outro tu pilhou uma galera...

L.M. - Sim! Eu olhei aquilo e *bah*, não dá! Tem que encher, tem que pelo menos uma vaga sobrar. Daí tinha tu, a Lou Paz e a Maria Manoela, que também não estava a fim de competir,

daí dois dias antes ela olhou e: “Bah Lou, tu me botou na lista né?” “Botei! Vamos lá! Vamos lá que, por mais que tu não esteja surfando tanto, tu sabe que tem o *surf* no pé...”

L.F. - E ela conseguiu final, ficou em quarto né?

L.M. - Pois é! Daí a Manu<sup>46</sup> fechou né, então três tem certo. Então eu pensei: “Quem eu posso procurar, quem eu posso pilhar...” Aí eu fui na Yasmin Dias e ela pilhou, daí a gente até colocou o feminino um pouco mais cedo, porque teve aquela questão de ficar esperando muito tempo...

L.F. - Sim, da outra vez foi...

L.M. - Aí tinha um campeonato em Capão que talvez a Yasmin e a Manu teriam que ir ao meio dia, então teria que ser mais cedo para elas poderem participar, daí fechou a Manu, ficou cinco e eu pensei: “Quem mais?” Tinha a Sania do Farol! Daí eu: “Sania, vem!” E ela: “Lou, não sei se eu consigo...” E eu: “Bah, tu tem muito potencial, lá é alta vibe, tu já vem e já conhece Torres!”. Aí ela se pilhou: “Vou fazer uma revisão no meu carro e vou!”. Daí ela veio!

L.F. - E ela surfa muito!

L.M. - Daí fechou seis! Daí eu falei: “Paola<sup>47</sup>, tenta uma menina aí de Torres para poder representar as meninas de Torres porque talvez a Yasmin Dias não possa!” Daí fechou sete! E eu: “Bah, que afudê, tá ligado?”. Não acho que acabou fechando oito!

L.F. - Sim, fechou oito!

L.M. - Eu acho que fechou oito e depois a Yasmin Dias, acabou que atrasou uma hora e ela preferiu ir para Capão, daí já fechou sete meninas.

---

<sup>46</sup> Manu Ronnau.

<sup>47</sup> Paola Stelmach.

L.F. - Porque ela já estava em todo o circuito do de Capão? Não valia a pena fazer só uma etapa.

L.M. - Não, não valia. Daí fechou sete meninas e eu: “Bah, que felicidade!” E nos outros também, não foi diferente, na última hora eu pilhar algumas gurias e fechar a categoria. E eu espero que também não precise pilhar tanto, que seja algo mais natural, não tanto, tipo... Não que eu pressionei sabe? Mas que talvez não precise, que seja algo natural, que a menina queira realmente ali de boa, querer competir e acabou, tipo que nem tu assim, que nem a Manu...

L.F. - Bom, então já pegando o gancho, tu falou que ano que vem vai para Portugal?

L.M. - Sim, ano que vem eu vou em abril.

L.F. - Qual o objetivo desta tua viagem? Então tu vai sair da ASPOA, a nossa “pilhadora”!

L.M. - Então, o objetivo da viagem é mais...

L.F. - Tu vai em abril, falou que quer passar março aqui, teu aniversário?

L.M. - Sim, março eu vou passar aqui, eu quero ir na primeira quinzena de abril, senão na segunda, entre essas duas aí. Não vai passar de abril. A minha ideia mesmo é ir para ficar, para viver lá, morar lá e poder conciliar o *surf* com o trabalho, sabe? E ter onda constante, estar na beira da praia, estar num lugar irado que tem bastante turista, que eu vou fazer meu trabalho bem lá, que eu vou estar feliz fazendo o meu trabalho, sabe? Com pessoas de diversas culturas, sabe, agregando, isso é o que eu mais gosto, sabe?

L.F. - Mas tu tem perspectiva, e vontade de se desenvolver como atleta de *surf*?

L.M. - Sim!

L.F. - Atleta de *surf* ou trabalhar com o surf de alguma maneira?

L.M. - Eu quero me desenvolver como atleta e intercalar o meu trabalho, porque isso lá é tranquilo de fazer. Então é o que eu quero sabe? Eu já pensei se não der certo eu volto e vou pro Rio, trabalho em um hotel e surfo todo o final da tarde, todo o final de semana, pra mim vai estar bom.

L.F. - E tu tem perspectiva e quer se tornar uma atleta de ondas grandes?

L.M. - Sim, de ondas grandes!

L.F. - E Portugal tem, né? Nazaré...

L.M. - Sim, eles têm base com *Jet Sky*, com tudo, tem até aula de *tow-in*, essas coisas...

L.F. - Tu escolheu Portugal já por isso?

L.M. - Já por isso, já pelo nome que leva, pelo que está acontecendo lá, pelo desenvolvimento que está aquilo lá, que está demais, não só pelo turismo, pela cidade, pelos monumentos, sabe, mas pelo *surf* também. A cidade está se desenvolvendo demais, Nazaré não era nada, se desenvolveu de uma forma muito rápida, sabe, vários restaurantes, vários hotéis agora, pousadas...

L.F. - Por causa do *surf*?

L.M. - Por causa do *surf*.

L.F. - Entendi. E outros esportes, tu pratica, já praticou, tinha falado do futebol...

L.M. - Hoje o futebol eu já não estou mais praticando tanto, mas assim, eu sempre tenho muita vontade de jogar bola e eu nunca encontro um time legal ou umas meninas que seja parceiras de jogar daí... até às vezes eu penso em voltar pro futebol, mas daí eu vou me desvirtuar muito. E *skate*, geralmente quando eu estou em Porto Alegre e sobra um tempo, agora eu estou com bastante tempo, estou conseguindo andar né? Que mais, o *skate* sempre esteve muito presente, sabe, porque foi ele que me botou pro *surf*, então, *skate* eu adoro, amo

mesmo. Mas o *surf* puxa... o *surf* está aqui dentro, sabe? Assim, por mais que eu não surfe tanto quanto eu ando de *skate*, o *surf* é o meu xodó.

L.F. - O *surf* e o *skate* e o futebol, basicamente?

L.M. - Sim.

L.F. - E com relação a tu ser mulher, o que mais teve dificuldade foi o futebol?

L.M. - Sim.

L.F. - Minha penúltima pergunta: tu já teve apoio de patrocinador, tu me falou que tem o patrocinador de prancha, como foi essa parceria? Como que surgiu e que tipo de ajuda que eles te dão?

L.M. - Então, a Iahweh assim, a gente fechou no meio do ano passado e eles fizeram uma prancha pra mim e é uma troca, enquanto eu vou estar divulgando eles, eles me dão prancha. Eles me deram uma prancha até agora, até porque pra mim não teria porque fazer uma outra prancha porque eu não to indo tanto para a praia assim.

L.F. - Mas como foi, eles que tiveram a ideia de te oferecer? Foi em algum campeonato? Como começou a ideia, de onde que partiu?

L.M. - Eu participei de dois campeonatos daquela da Liga Rio-Grandense e eles já estavam me olhando desde lá, sabe? E também de antes, com as divulgações e tal, pelo meu *Instagram*, aí eles entraram em contato comigo e ofereceram a parceria e logo de cara a gente já fez uma prancha e já se comunicou: “Como vocês querem?”, “Vamos fazer divulgação, marcar sempre a Iahweh nas fotos”. Desde então eu faço isso e, como eu não estou indo tanto para a praia, eu não senti a necessidade de fazer outra prancha, sabe, então não teria porque eu ficar pedindo prancha pra eles se eu não estou surfando o suficiente para estar trocando de prancha toda hora.

L.F. - E a ideia deles é só te dar a prancha mesmo, só te dar a prancha quando tu precisar?

L.M. - Sim. Eu tenho outro parceiro que é a Oden, que é uma marca que eles dizem que é “*urban pirates*”, as pessoas são os piratas da cidade, pessoas que enquanto trabalham têm vidas paralelas, que surfam, andam de *skate*, fazem de tudo um pouco, essa é a essência da marca. Agora eles estão com uma linha mais atlética, mais para as pessoas conseguirem utilizar as roupas da marca na sua academia, no seu tempo livre, não só pra sair. Então eles me dão roupa, eu divulgo, faço umas fotos para eles quando eles precisam...

L.F. - Mas como que começou, foi também pelo campeonato?

L.M. - A Oden começou porque teve um evento, teve um curso de *skate* da Roxy<sup>48</sup> lá na Complex e eu fui a capa da divulgação do curso e a dona da Oden estava no início com a marca e ela me olhou e disse: “Tu não quer fazer uma parceria? Tu divulga a minha marca e te dou umas roupas?” e eu: “Tá, vamos!”. E estou até hoje, já faz quase dois anos que eu estou com a Oden. Aí é a Iahweh, a Oden, que são os dois principais, entrou agora a *Surf Roots*, que é uma loja de *surf* e de *skate*, eles vendem de tudo lá.

L.F. - Sim, ali na Getúlio!

L.M. - Só o feminino que ele só tem maiô da Lakini, que é de Curitiba. Aí é a mesma coisa, eles me dão umas coisinhas, eu divulgo e eras isso. E também foi as primeiras pessoas que me apoiaram com dinheiro para eu comprar as fotos lá da Laje, foi bem legal, fiquei bem feliz. Daí tem a Roxy, que eu já estou há quatro anos com eles. A Roxy surgiu de um projeto chamado “*Roxy Style Girls*”, esse projeto tem na Califórnia e, *bah*, é gigante esse projeto lá, eles apoiam muito mais meninas do que aqui no Brasil e é bem forte lá, e eles trouxeram pra cá pra tentar fazer a mesma coisa só que tem poucas meninas e agora o projeto está num processo de reestruturação e revisão das meninas, sabe? Tipo, eu sou uma pessoa, e eu já conversei com eles e eles falaram que eu vou continuar, mas o que aconteceu, eles acabaram substituindo o projeto, acabaram botando meninas embaixadoras mas que também compartilhavam Billabong<sup>49</sup> e Rip Curl<sup>50</sup> nos seus *Instagram*, sabe? Então acabou substituindo um pouco o projeto e eles estão revisando tudo. Então esse projeto o que ele

---

<sup>48</sup> Marca de produtos relacionados ao *surf* feminino.

<sup>49</sup> Marca de produtos relacionados ao *surf* feminino.

<sup>50</sup> Marca de produtos relacionados ao *surf* feminino.

visa? Mostrar que nem toda a menina que usa roupa da Roxy surfa e anda de skate e que também temos as meninas que surfam e andam de skate e usam Roxy. Então tem tanto meninas que praticam esporte quanto meninas que não praticam esporte, sabe? Então é um projeto bem, digamos, marqueteiro, sabe?

L.F. - Pra vender pra todo mundo...

L.M. - Então tu pega ali meninas que tem ali o *Instagram*, que são ícones na sua cidade, que são conhecidas na sua cidade, que não surfam, que não andam de *skate*, mas que também têm um *Instagram* bombado e são conhecidas na cidade por, sei lá, quais quesitos, porque é bonita, enfim, né, e que usam Roxy e conseguem compartilhar a marca e multiplicar a marca dessa forma. Ou as meninas que surfam e andam de *skate* como eu e compartilham a marca dessa forma, sabe? Então eles mandam vários produtos durante o ano e que esse ano foi bem reduzido por esse motivo, que eles estão revisando o projeto, então eu acabei esse ano não ficando tanto em contato com São Paulo, mas sim em contato com a loja aqui, com a Quiksilver<sup>51</sup>, porque a Quiksilver aqui é de um dono aqui do Sul e são três lojas. Então eu fiquei mais em contato com ele, ele me deu alguns produtos e eu divulguei a loja em si, não a Roxy, sabe? Como ele me deu, eu divulguei a loja pra galera ir comprar lá.

L.F. - Então já puxa a minha pergunta, tu acha que a escolha dos patrocinadores se dá por quê? Tu pratica, mas tu acha que eles te procuram porque eles querem que tu mostre teu corpo, que tu explore o lado da tua beleza, tu sente isso?

L.M. - Não.

L.F. - Ou porque eles querem que tu explore teu lado atleta?

L.M. - Meu lado atleta.

L.F. - Todas as marcas?

---

<sup>51</sup> Marca de produtos relacionados ao *surf* masculino.

L.M. - Todas, assim, sem exceção.

L.F. - Tu não sente aquela coisa, assim: “Nossa musa”, não sei, estou te perguntando.

L.M. - Não. O que eu sinto até, às vezes é que eles sabem que eu posso muito mais e eu posso muito mais, eu tenho potencial, sabe, eu sinto, só que eu não posso viver em Porto Alegre, sabe? Eu preciso estar na praia para explorar esse potencial como atleta. Então é isso que eu to procurando fazer, então agora eu pedi demissão, estou indo agora dia 20 de dezembro para a praia e, assim, surfar todos os dias, eu quero evoluir demais porque eu sei que eu posso muito e eu sei que eles não me pressionam mas eu quero muito mais, não só por mim mas pelas pessoas que me apoiam, que viram meu potencial e que estão comigo desde então. Então é mais por eles por um lado eu sei que eu tenho potencial, e é isso que eu quero, sabe?

L.F. - Então tu sente esse apoio deles?

L.M. - Sinto!

L.F. - Que bom! Então vamos para a nossa última pergunta: se eu fosse fazer uma exposição e tivesse um cantinho só da Louise, que objeto tu me daria assim: “Lara, esse objeto me define.” [SILÊNCIO] Essa pergunta é meio difícil, pode ir pensando, uma coisa que seja importante pra ti, que te definiria, tua história como atleta, ou como pessoa.

L.M. - Meu primeiro *shape*<sup>52</sup> de *skate*. Porque ali... tudo começou. Tudo começou através do *skate*. Tipo, tudo mesmo assim. Então eu acho que meu primeiro *shape*, eu tenho ele até hoje.

L.F. - Tem ele mas não usa mais? Está exposto?

L.M. - Não, está lá em casa guardadinho, era um *shape* da Mary Jane<sup>53</sup>, que é Mary Jane e na parte de trás dele é todo rosa *pink*. Então meu primeiro *shape*, porque tudo começou

---

<sup>52</sup> Parte de madeira do *skate*, onde o atleta coloca os pés.

<sup>53</sup> Marca de produtos relacionados ao *skate*.

através do *skate*. Claro que eu comecei a surfar antes, mas parei, então surgiu de novo o negócio do *surf* COM o *skate*. Então, acho que meu primeiro *shape*.

L.F. - Legal! Muito bem, então paramos por aqui! Tu tem mais alguma coisa que gostaria de falar?

L.M. - Não.

L.F. - Muito bem! Tu pode botar alguma coisa que lembrar depois. Muito obrigada pela participação!

L.M. - De nada!

[FINAL DA ENTREVISTA]